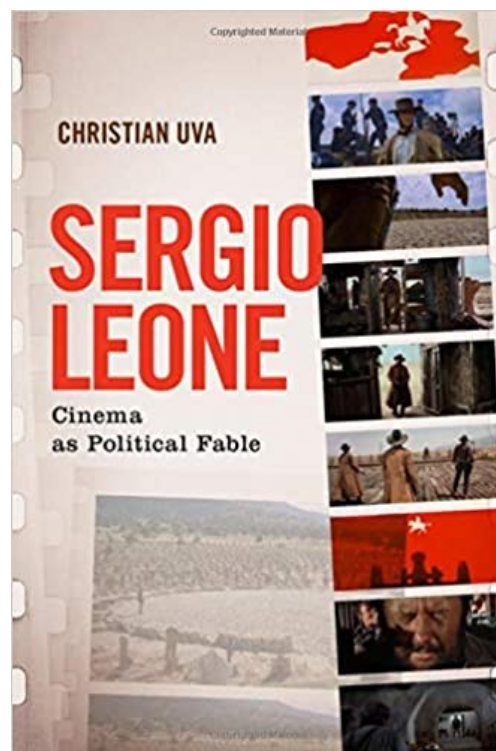


O lado político das fábulas do *western*

Rodrigo Carreiro¹



Uva, Christian. 2020. *Sergio Leone: Cinema as Political Fable*. Nova Iorque: Oxford University Press. 1.^a Edição. 152 pp. ISBN: 978-01-909-4269-4.

Sergio Leone começou a dirigir filmes no início da década de 1960, na mesma época em que a política dos autores (Truffaut 2005) se tornava popular e elevava a função de diretor cinematográfico à categoria de artista. François Truffaut e seus jovens colegas de redação, na revista francesa *Cahiers du Cinéma*, tinham uma visão romântica a respeito da indústria cinematográfica: se havia arte em alguns filmes (e em outros não), certamente havia um artista que a

¹ Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Moraes Rego, s/n Cidade Universitária, CEP 50670-901 Recife, Pernambuco, Brasil.

criava, um pensador solitário que elaborava discursos construídos com luz, cores e sons. Este homem era o diretor. Na mesma época, uma geração inteira de realizadores talentosos apresentava as credenciais necessárias para serem incluídos no panteão de grandes autores cinematográficos. A Itália, em particular, tinha uma geração de ouro: Michelangelo Antonioni, Federico Fellini, Pier Paolo Pasolini, Valerio Zurlini e Mario Monicelli são apenas alguns dos nomes mais elogiados pela crítica internacional da época.

Sergio Leone, porém, não costumava ser mencionado nessa lista. Uma breve pesquisa realizada nos arquivos da *Cahiers du Cinéma* (Carreiro 2014) mostra que os primeiros filmes dirigidos por Leone foram desdenhados sem dó pelos críticos da revista, que os consideravam como cópias descartáveis de filmes norte-americanos. A mesma recepção depreciativa foi dada a Leone por analistas espalhados ao redor do mundo. Quando decidiu incluir uma resenha de *Três homens em conflito/O Bom, o Mau e o Vilão (Il buono, il brutto, il cattivo)* (1966) no segundo volume do livro em que reverencia os maiores filmes do cinema, o crítico *superstar* Roger Ebert fez uma *mea culpa* sincera sobre o texto que escrevera na época do lançamento original:

Minha reação foi forte, mas eu ainda não completara um ano como crítico de cinema e nem sempre tive a sabedoria de valorizar mais o instinto do que a prudência. Ao reler minha velha crítica, vejo que a descrição corresponde à de um filme quatro estrelas [nota máxima do sistema utilizado pelo jornal *Chicago Sun Times*, onde Ebert trabalhava], porém dei-lhe apenas três, talvez porque se tratasse de um *spaghetti western* e, assim, não pudesse ser arte. (Ebert 2006, 495).

Christopher Frayling, biógrafo de Leone e primeiro pesquisador a publicar um livro dedicado a dissecar o sucesso dos mais de 550 exemplares de *spaghetti westerns* realizados no eixo Itália-Espanha, entre o começo dos anos 1960 e o final da década seguinte, testemunha: quando lançados nos outros países da Europa e nos Estados Unidos, os *westerns* de Leone foram surrados sem piedade por críticos irônicos que repetiam infinitas variações do mesmo argumento: eram filmes burocráticos, sem criatividade, que copiavam uns aos outros, visando apenas o lucro, sem se preocupar com conteúdo político ou raízes culturais (Frayling 1981, 121). Seriam necessárias duas décadas para que Sergio Leone começasse a ser tratado como um diretor inventivo, que havia ajudado a introduzir no repertório estilístico do cinema moderno (e até mesmo pós-moderno) características importantes para o cinema feito nas décadas seguintes, inclusive em Hollywood – os grandes close-ups de rostos, a ironia ambígua de heróis falíveis, o cuidado minucioso com a reconstituição histórica de ambientes e figurinos, e outros.

Sergio Leone: Cinema as political fable (2020), do pesquisador

italiano Christian Uva, faz parte de um movimento mais recente de revalorização estilística dedicado ao cinema de Leone. O livro revisita a técnica do realizador italiano de forma minuciosa, prestando atenção especial ao modo como ideias políticas complexas – e, às vezes, ambivalentes – se insinuam no texto fílmico, às vezes através de ideias puramente visuais. O livro de Uva vem se somar aos esforços de pesquisadores de todo o mundo (Frayling 2000; Hughes 2004; Fridlund 2006; Cumbow 2008; Aguilar 2009; Carreiro 2014) para lançar luz à obra relativamente pequena de Sergio Leone – ele dirigiu oficialmente apenas sete longas-metragens, embora tenha atuado como produtor em outro tanto de filmes – um olhar que dê ao diretor italiano o lugar que ele merece nos livros de história de cinema: o protagonista de um capítulo importante da passagem do cinema clássico ao moderno (ou mesmo pós-moderno), e não uma breve nota de rodapé.

Lançada na Itália em 2013, a pesquisa conduzida por Christian Uva ganha tradução para o inglês assinada por Fabio Battista. A edição, da Oxford University Press, reproduz o formato da coleção original italiana, para a qual o manuscrito foi concebido: três capítulos, sendo um de caráter biográfico, outro conceitual e um terceiro de análise fílmica (a coleção original sempre solicita que três sequências de filmes distintos sejam analisadas nesse último capítulo, e é isso que está no livro). Esse material vem acompanhado de uma filmografia comentada, de uma bibliografia bastante atualizada e de um índice onomástico. A edição, relativamente modesta, não possui índice e nem mesmo uma introdução que explique os objetivos do autor e o modo como cada capítulo foi planejado.

Isso não tira um dos grandes méritos do livro de Christina Uva, professor de cinema da Universidade Roma Tre (Itália): oferecer aos leitores de língua inglesa uma leitura abrangente, sucinta e ao mesmo tempo detalhada sobre o modo como a obra de Sergio Leone tem sido compreendida em seu país de origem. Ficamos sabendo, por exemplo, que mesmo na Itália, onde intelectuais como Alberto Moravia (Carreiro 2014, 76) se esforçaram para entender aspectos culturais relacionados ao consumo do *spaghetti western*, havia um preconceito imenso contra Leone, por ele ter passado a carreira inteira trabalhando dentro de gêneros fílmicos altamente codificados – o filme de sandália-e-espada, o *western* e o filme de gângster – e associados ao cinema norte-americano.

Uma das virtudes do livro de Uva é que o autor procura relacionar episódios biográficos e aspectos da personalidade exibicionista de Leone a práticas estilísticas recorrentes em seu trabalho. Um dos momentos mais esclarecedores enfatiza como as experiências políticas ambíguas do pai do realizador, Vincenzo Leone, com o regime de Benito Mussolini, na década de 1930, afetaram a visão política do próprio Sergio, então garoto. Vincenzo, que sob o pseudônimo de Roberto Roberti escreveu, dirigiu e atuou em cerca de 60 filmes, chegou a ser filiado ao partido fascista e recebeu convite para dirigir uma versão da novela *L'amante del cardinale*,

escrita pelo próprio Mussolini, mas recusou o trabalho, caiu no ostracismo e tornou-se um pária dentro da indústria cinematográfica do país.

Para Uva, esse episódio, bem como os altos e baixos vividos pela família junto ao regime fascista, durante a juventude de Sergio, levou o futuro diretor de *Por um punhado de dólares* (*Per un pugno di dollari*) (1964) a desenvolver uma personalidade pessimista, à beira do niilismo – e essa característica está espelhada nos heróis taciturnos de seus *westerns*. A simpatia discreta pelo anarquismo e pelos movimentos de esquerda – vários amigos cineastas eram ligados ao partido comunista italiano, como Sergio Sollima, Giulio Petroni e Damiano Damiani – também se infiltra em filmes que, na superfície, são apolíticos e atraem fãs no universo da direita política.

Leone, como mostra Uva, não se furtou a criticar os *spaghetti westerns* politizados de esquerda – filmes como *Uma bala para um general/O Mercenário* (*Quién sabe?*) (1966), de Damiani, e *Face a Face/Cara a Cara* (*Faccia a faccia*) (1967), de Sollima – mas, ao se voltar para a variante do gênero que alguns críticos chamavam de *Zapata western* (Gaberzseck 2008), com o irregular *Quando explode a vingança/Aguenta-te Canalha!* (*Giù la testa*) (1971), construiu um discurso controverso, que deixa claro o pessimismo com que via os sonhos revolucionários comunistas dos anos 1960, mas flerta com ideais políticos de esquerda.

Além de oferecer um perfil biográfico que ajuda a explicar algumas de suas práticas estilísticas preferidas, o livro de Christian Uva realiza uma leitura conceitual brilhante e precisa da obra de Leone, no segundo e mais extenso capítulo do livro, desembocando em um capítulo derradeiro em que discute detalhadamente trechos de *Três homens em conflito*, *Quando explode a vingança* e *Era uma vez na América* (*Once upon a time in America*) (1984), selecionados pelo autor como objetos de uma análise estilística minuciosa, que inclui 24 *frames* em alta resolução. São imagens fundamentais para comprovar a tese de que a fabulação e a política, no universo quase mítico erigido pelo cineasta italiano, caminham de mãos dadas com questões estilísticas. Tudo isso faz de Sergio Leone não apenas um realizador de ideias e estilo atuais, mas também um artista político.

BIBLIOGRAFIA

- Aguilar, Carlos. 2008. *Sergio Leone*. Salamanca: Cátedra Ediciones.
- Carreiro, Rodrigo. 2014. *Era uma vez no spaghetti western: o estilo de Sergio Leone*. São José dos Pinhais: Editora Estronho.
- Cumbow, Robert C. 2008. *The films of Sergio Leone*. Lanham: Scarecrow Press.
- Ebert, Roger. 2005. *Grandes filmes*. Rio de Janeiro: Ediouro.

- Frayling, Christopher. 1981. *Spaghetti westerns: Cowboys and Europeans from Karl May to Sergio Leone*. London: I.B. Tauris.
- . 2000. *Something to do with death*. London: Faber & Faber.
- Fridlund, Bert. 2006. *Spaghetti western: a thematic analysis*. Jefferson: McFarland & Co.
- Gaberscek, Carlo. 2008. Zapata westerns: The short life of a subgenre (1966–1972). In *Bilingual Review*, n. 29, v. 2/3, p. 1-15. Bilingual Review Press: Arizona State University.
- Hughes, Howard. 2004. *Once upon a time in the Italian west*. London: I.B. Tauris, 2004.
- Truffaut, François. 2005. *O prazer dos olhos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.